

Alice Porto
Carla Borba
Fabiano Gummo
Glaucis de Morais
João Franz
Natasha Kulczynski
Rodrigo Núñez
Tula Anagnostopoulos
Maristela Salvatori (org.)



Alice Porto
Carla Borba
Fabiano Gummo
Glaucis de Morais
João Franz
Natasha Kulczynski
Rodrigo Núñez
Tula Anagnostopoulos
Maristela Salvatori (org.)



sumário

Maristela Salvatori	5
Alice Porto : Série príncipes	7
Reinados infelizes por Carla Borba	11
Carla Borba : 7 cabeças	13
7 cabeças por Glaucis de Moraes	17
Fabiano Gummo : Noventa e seis horas	19
Efeito doppler de si por Tula Anagnostopoulos	23
Glaucis de Moraes : Notações	25
Anotações para a Sra. De Moraes por Rodrigo Núñez	29
João Franz : Caminho à consciência	31
Ser por Natasha Kulczynski	35
Natasha Kulczynski : Criador e criatura	37
Camadas humanas sobre camadas urbanas por Fabiano Gummo	41
Rodrigo Núñez : Pequenos fantasmas	43
Infância imaginada por Alice Porto	47
Tula Anagnostopoulos : Cuartos	49
Cuartos por João Franz	53
Biografias	54

Oito poéticas, nove pensamentos, 8 x 9! - É quase um quadrado! A escolha do nome deu novo impulso a ideias e decisões em andamento. Com práticas poéticas diversas e foco no múltiplo, Alice Porto, Carla Borba, Fabiano Gummo, Glaucis de Moraes, João Franz, Natasha Kulczynski, Rodrigo Núñez e Tula Anagnostopoulos apresentam aqui frames de vídeos, fotografias, textos, desenhos, carimbos e anotações gráficas que são permeadas pelo olhar sobre outro fazer, num processo de desdobramento e descobertas mútuas.

Quase um quadrado foi editado entre 2016 e 2017, no decurso do Laboratório de Pesquisa em Processos Reprodutivos, disciplina do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV/IA/UFRGS).

Alice Porto
Série princes



Reinados infelizes
por Carla Borba



Canon

PQ MEUS
MAMILOS
NÃO SÃO
POLÊMICOS?

23:03



ESTUPR,
NÃO PRE

#

ESTUPR,
NÃO PRE

NING
VI

ESTUPRADORES, O MUNDO
NÃO PRECISA DE VOCÊS
NINGUÉM MERECE SER
VIOLENTADO

MUNDO

VOCÊS
NÃO MERECEM
SER VIOLENTADOS

MERECE
MORRER

~~Unisinos, RS~~
Unisinos
Unisinos
11km

⋮





29% 1h13



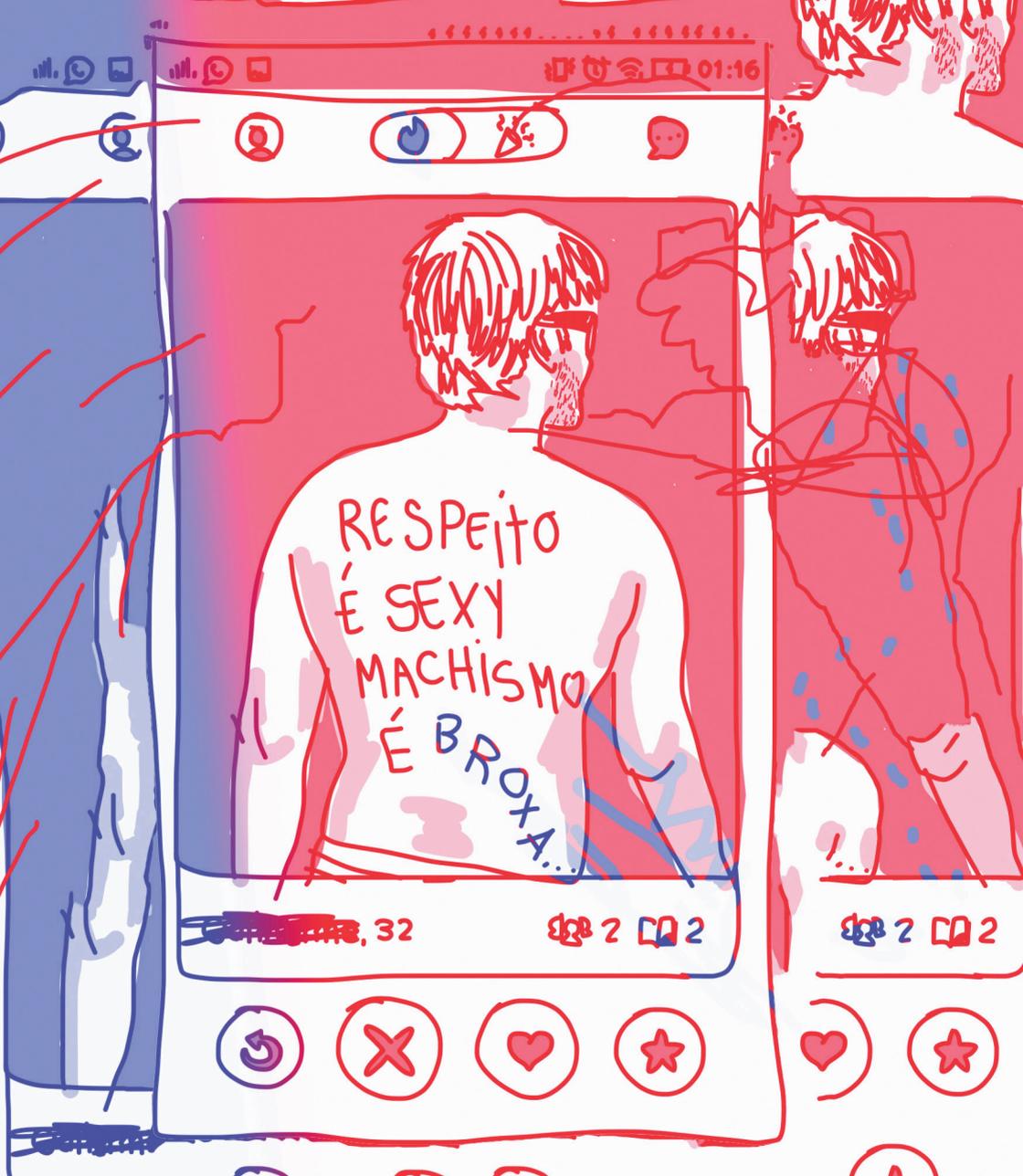
12 km de distância



Você vai na marcha das vadias também?

Acho que já te vi lá





01:16



~~XXXXXXXXXX~~, 32

👁️ 2 🗨️ 2



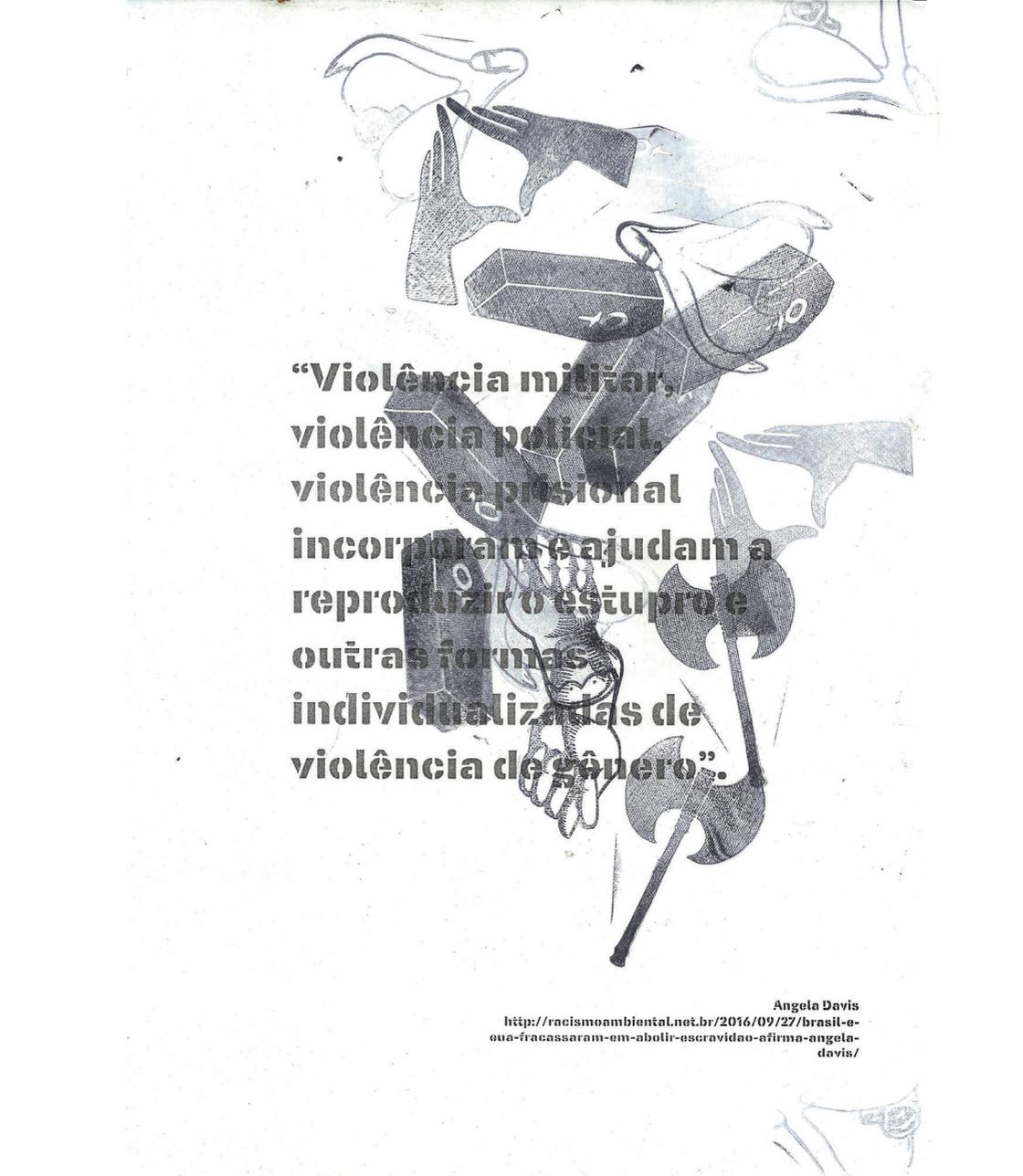
Desenhos produzidos a partir de fotografias, apropriadas de um aplicativo de encontros, transformados em emblemas do machismo às avessas em que homens manifestam suas “inquietações” perante o feminismo e as questões das mulheres. No trabalho intitulado *Série Príncipes*, Alice Porto desconstrói estes falsos heróis. São príncipes de um reinado infeliz. Através das redes sociais, ela cria a tipologia do *omi feminista**, em que mistura ironia, sarcasmo e denúncia. O conjunto de suas imagens promove relações com processos de visibilidade do discurso machista que se pressupõe crítico ao próprio machismo. Homens que se comunicam e se apresentam às mulheres como conscientes das causas feministas. Por que se dirigem às mulheres? Por que banalizam um tema tão caro à luta de inúmeras mulheres? Por que será? Acabam incorporando o discurso feminista como estratégia de aprovação, aproximação e sedução. As palavras “engajadas” rabiscadas no corpo e pichadas na parede demonstram o interesse de conquista e o uso perverso do espaço de privilégio do sistema patriarcal.

* *Ser um omi feminista*, título de fanpage de Alice Porto.

Carla Borba
7 cabeças

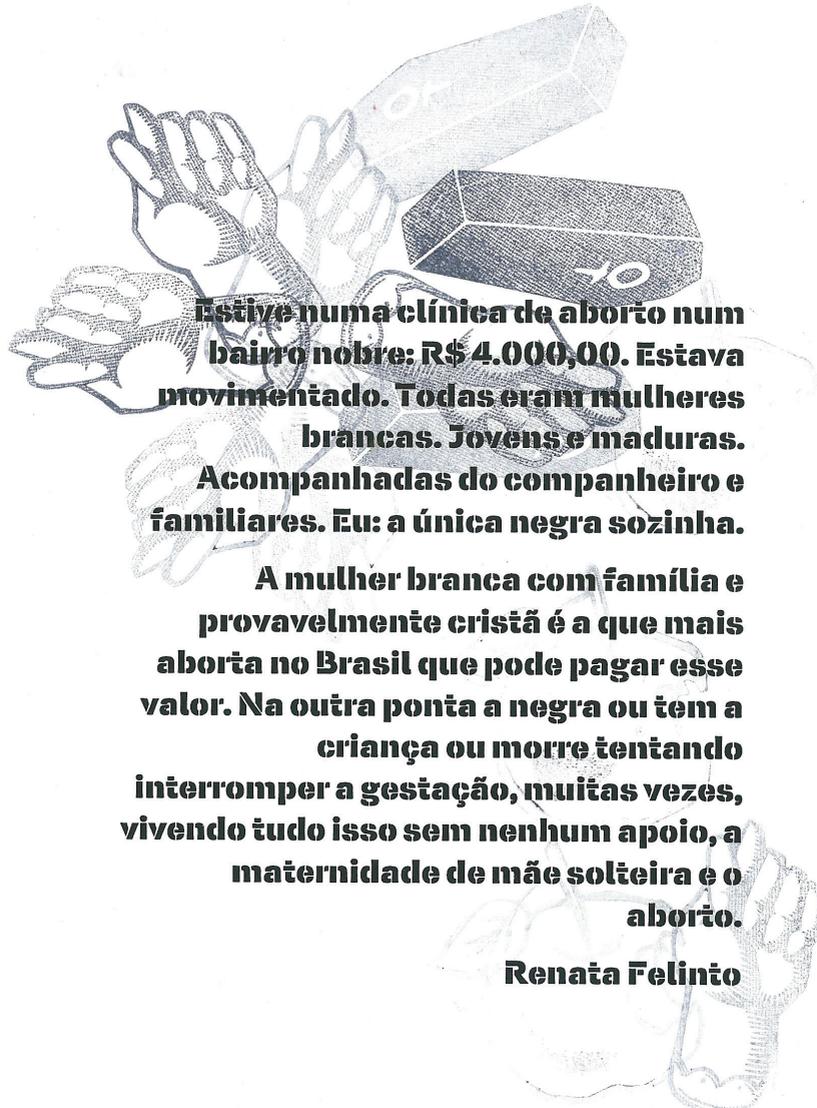


7 cabeças
por Gláucio de Moraes



**“Violência militar,
violência policial,
violência prisional
incorporam e ajudam a
reproduzir o estupro e
outras formas
individualizadas de
violência de gênero”.**

Angela Davis
<http://racismoambiental.net.br/2016/09/27/brasil-e-oua-fracassaram-em-abolir-esclavidoao-afirma-angela-davis/>



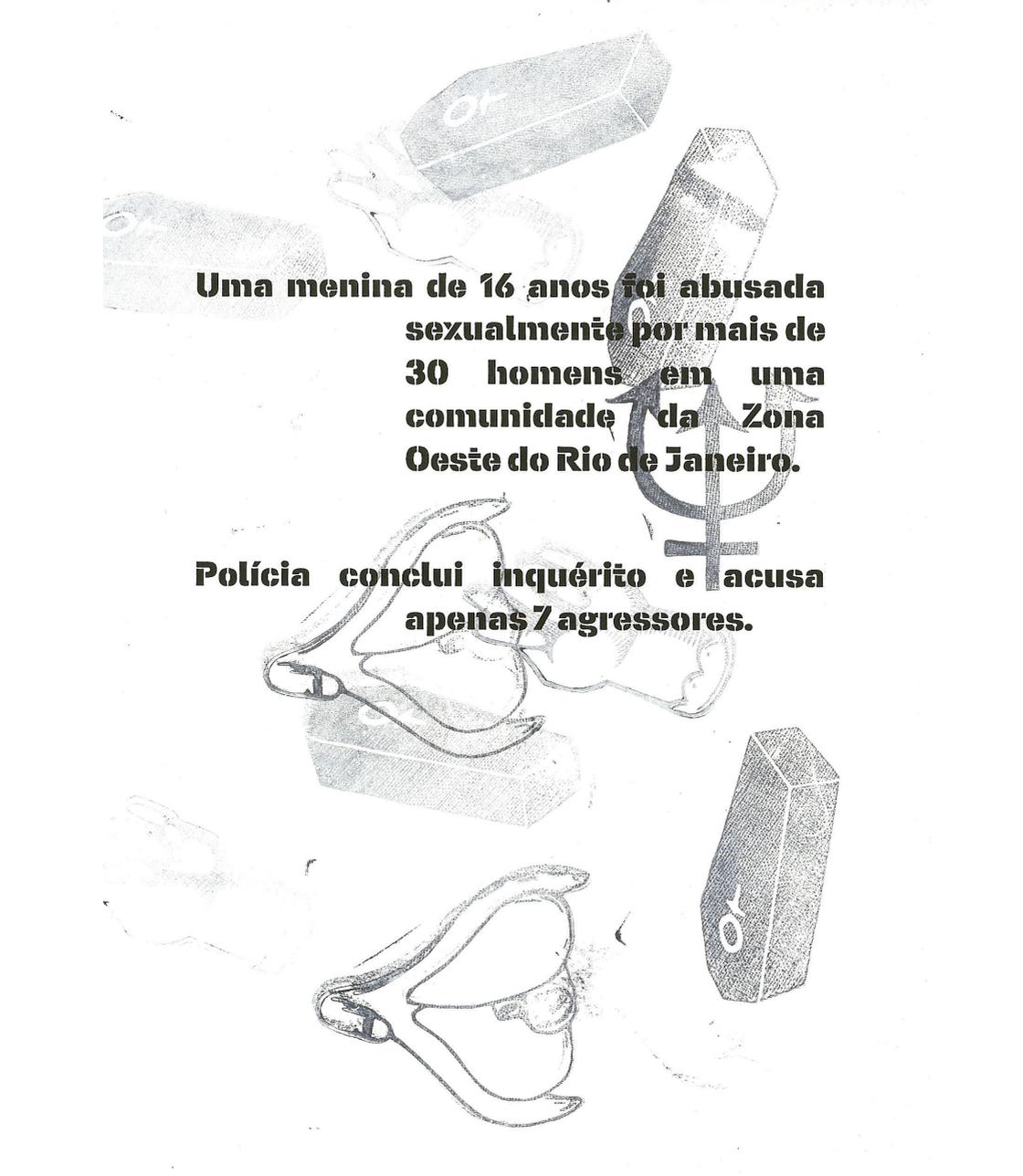
Estive numa clínica de aborto num bairro nobre: R\$ 4.000,00. Estava provimentado. Todas eram mulheres brancas. Jovens e maduras. Acompanhadas do companheiro e familiares. Eu: a única negra sozinha.

A mulher branca com família e provavelmente cristã é a que mais aborta no Brasil que pode pagar esse valor. Na outra ponta a negra ou tem a criança ou morre tentando interromper a gestação, muitas vezes, vivendo tudo isso sem nenhum apoio, a maternidade de mãe solteira e o aborto.

Renata Felinto



tiu tiu ?



Uma menina de 16 anos foi abusada sexualmente por mais de 30 homens em uma comunidade da Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Polícia conclui inquérito e acusa apenas 7 agressores.

A performance *7 Cabeças* de Carla Borba consiste no encontro de sete mulheres, em torno de uma mesa, para pensar e falar sobre questões de gênero, especificamente a naturalização das diversas formas de violência contra a mulher. Entoando a cantiga de roda *Escravos de Jó*, as participantes carimbam textos e imagens sobre folhas de papel dispostas sobre a mesa. Seguindo o ritmo da música, leem em voz alta relatos de agressões sofridas por mulheres. São histórias singulares e ao mesmo tempo tão corriqueiras que se mantêm em nossa sociedade.

A canção do jogo infantil porta um sentido de luta de escravos que se opõem e se rebelam à sua condição de objetos, de mercadoria a ser explorada. São guerreiros que desafiam os capitães do mato, que jogam capoeira, que buscam a liberdade em um zigue zigue za de gestos, assinalando o desvio e a malandragem como estratégia de sobrevivência. São homens e mulheres que, à imagem de Macunaíma, ajudaram a fundar nosso imaginário em torno da figura do herói brasileiro, do anti-herói, como nos fala Darcy Ribeiro: “(...) o *trickster*; insólito, que se encontra com tanta frequência nas nossas mitologias indígenas (...)”. É o brasileiro atravessado pela mestiçagem, das misturas de crenças e culturas. “O brasileiro dele é o do carnaval, da caçoada folclórica, da gente que cantando, dançando, ironizando, rindo – inocente e sem medo – se vinga de quem, além de oprimi-lo e explorá-lo, ainda quer fazer sua cabeça”. Dessa forma *7 Cabeças* é a afirmação deste lugar e prática de resistência pela alegria, partilha, grito. Nos folhetos carimbados, deparamo-nos com as histórias de mulheres que sofreram com a brutalidade de uma sociedade patriarcal, com os signos do assédio, da injustiça, da elaboração de um lugar simbólico pautado pela submissão. Os desenhos reenviam-nos, portanto, a esse universo violento que constitui toda a escravidão.

A experiência do jogar em *7 Cabeças* é marcada pela afirmação de vínculos que relativizam antagonismos. Propõe, assim, um outro sentido para o jogo, além deste da concorrência. Segundo Gilles Deleuze, em *Lógica do sentido* os jogos habituais envolvem regras previamente estabelecidas, correspondentes ao “(...) modelo moral do Bem ou do Melhor, modelo econômico das causas, dos efeitos, dos meios e dos fins”. Dessa maneira, a experiência de jogar segue regras fixas que determinam as variantes do acaso nas ações dos usuários. Essa ordenação normativa do acaso organiza hipóteses que referem-se ao eixo perda ou ganho. Porém, um outro jogo interpõe-se na experiência da produção em arte, aquilo que Deleuze enuncia como um “jogo ideal”. Elaborado a partir de “(...) outros princípios, aparentemente inaplicáveis, mas graças aos quais o jogo se torna puro”, que busca abri-lo para a amplitude de um acaso que não é delimitado por normas rígidas. Nesse sentido, *7 Cabeças* institui uma prática que procura burlar hierarquias, um jogo sem vencedores ou vencidos.

Fabiano Gummo
Noventa e seis horas



O efeito doppler de si
por Tula e Rina gostopaulas

DIA 1: A Teoria do Suspiro

R[noise]ecuperando [flash]aquela...
Com[acute noise]o ela está[shhhhh]?
Nada [low noise] bem.
P[noise]or quê?
Entro[noise]u no meio d[noise]...[fadeout]
[fadein]enha até mim.
[fadein][noise][fadeout]
[scratch]você[shhhhh]
Po[noise]sso voltar com v[noise]ocê.
Nã[shhh]o é incômodo?[noise band]
[acutenoisephony]loucura.
Agora n[noiseatall]ão.
[clíc][clíc][noise]
Pobre Helena¹.
Tenh[noise]o muita pena dela[fadeout].
Pare feiquElena.
Sem[noise]pre teremos algo para o jantar.
[fadein]Ou não né.
O[noise]u não né.
Za[scratch]aaa.
[Noi[noise]][fad[n[noise]oise]out]se

¹Ela nasceu no acostamento dentro da carreta na retroescavadeira no pneu goodyear é uma lasca de borracha é um pedaço de carne correndo arrebentada pela BR116 comendo e sendo, poeira e detrito defenestrada o desafio é levantar sair dali morar em alguém.

DIA 2: G.N.I.



¹Grande Nuvem Interestelar.

DIA 3: Empreitada histórica

Estou com ela. Estou naquele estado, sabe?
Aquele estado sonolento.
Igual quando a gente bebia vinho direto do garrafão.
Faz tempo.
Faz e não faz.
Tem fogo?
Não tenho mais. Me acabou já.
Você grita com ela. Pede pra ela procurar ajuda.
Pede pra ela ir contra o dia.
Ir contra todos.
Ele não conversa com ela direito.
É artificial.
E superficial.
Ela também não conversa.
Ela tem medo.
Transita no medo.
Dialoga com a eternidade do medo:
Administração, almoxerifado, urgências, suturas e sala de observação.
Sai um enfermeiro.
Alguém vem ver o que tá acontecendo.
O chão é limpo. Encerado.
Paviflex. Sintético.
Tem aquele leve tom bem esverdeado.
Há uma grande porta de vidro.
17 poltronas de espera estão espalhadas no hall.
Duas cadeiras são de rodas.
O forro é rebaixado de gesso.
Possui quatro grandes saídas exaustoras.
Ao todo 6 lâmpadas fluorescentes de 70 cm iluminam tudo.
Alguém espera. Serve um copo d'água.
Ela me olha uma última vez. Acena com a cabeça. Aceno de volta.

DIA 4: Rugidos do sim

[PASSAGEIRO]

O senhor está de parabéns!

[MOTORISTA CEGO]

Olha, eu penso em fazer o máximo possível, não digo nem em fazer muito, mas se eu fizer um pouco e bem feito já ajuda bastante.

[PASSAGEIRO]

O senhor tem toda razão.

[MOTORISTA CEGO]

Sapucaia, Canoas e Esteio. “Paradoxo Firewal”. Minha Nêmesis sem corpo pelo qual, todavia, nutro enorme admiração, desossada. Minha Dragster Wave. Perspectivas da quinta dimensão. Chuva Absurda. O automóvel era um supermini Fiat 127, 1972. Posteriormente, em 1990, substituído pelo Fiat Uno. Suas portas, capô dianteiro e portamalas estavam arrebentados. Todos os vidros estavam quebrados. O rádio havia sido roubado e havia excremento em cima do painel. Na porta lateral direita (quando visto de frente) estava escrito “Amante de Leda”.



Estamos diante do universo de Fabiano Gummo - de alguns fragmentos dele, na verdade - ordenado pela contagem de dias: um, dois, três, quatro; sendo essa a responsável pela reunião de acontecimentos, até então, desconexos.

Ouve-se o texto. Elementos sonoros vão criando uma atmosfera sobre a qual frases parecem constituir breves diálogos que se decompõem e recompõem. De quem são e de onde vêm tais vozes? O dia 1 deixa um nome, Helena, e um nascimento. O dia que se segue numericamente apresenta um retrato em preto e branco: um bebê, uma mulher e um homem. Considerando a tecnologia de captação fotográfica dessa segunda década dos anos 2000, a imagem de Gummo, que ocupa o dia 2, aparenta vir do final dos anos de 1970. Ela e ele, ele e ela, e o medo; onde se situam? Talvez, entre as dimensões dos números que compõem a espera e o adeus. Encerra-se o dia 3, e das vozes resta o tom verde no chão. Move-se com velocidade, da frequência alta para baixa, pelo asfalto, do atrito surge a desconformidade com o real: o passageiro e o motorista cego; é o dia de número 4, do “amante de Leda”, de cumprir suas trajetórias entre satélites.

Em expansão e repleto de galáxias, o universo do artista é observado nesses 4 dias - ou Noventa e seis horas (título dos trabalhos) - em deslocamentos espaço-temporais, de aproximação e afastamento, relativos ao telescópio de si.



Glaucis de Moraes
Notações



Anotações para a Srta. De Moraes
por Rodrigo Nunes

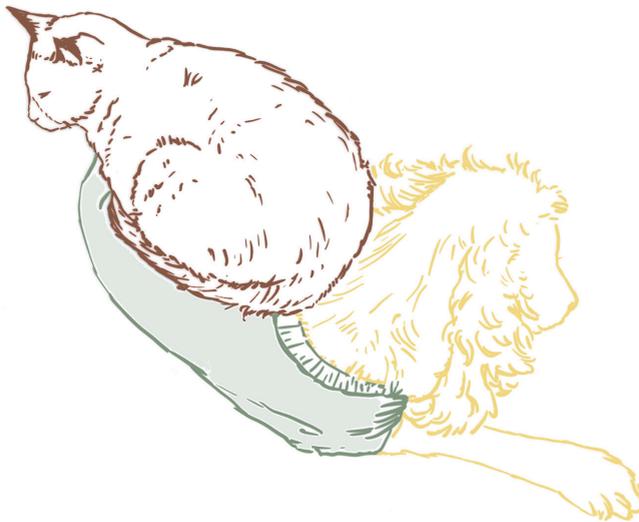
Lembrar da expectativa de abertura da sala dos livros às 7:30 da manhã.

Lembrar da sensação da pedra raspando na calçada em um desenho de domingo.

Lembrar da obstinação de um cachorro em busca de seu próprio rabo.

Lembrar da receita para o preparo dos pirulitos caramelo cor vermelha.

Lembrar do espaço entre as grades, do ar entre os pés quando não se toca o solo.





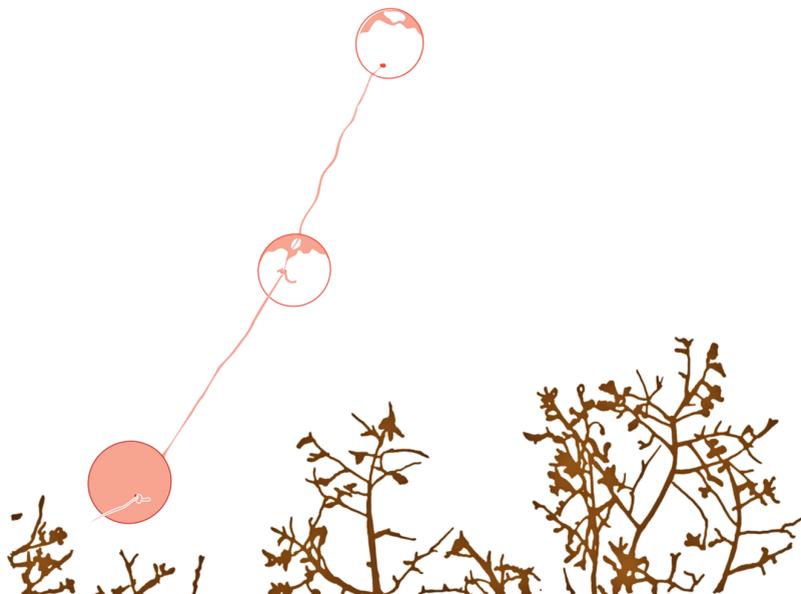
Lembrar de formigas tostadas ao sol em lentes de aumento.

Lembrar de escrever mil vezes: levarei teu nome comigo.

Lembrar dos ruídos e cochichos de um sótão de madeira.

Lembrar das cócegas que habitam bigodes de gatos.

Lembrar de ser equilibrista por 5 segundos, então deixar-se cair.



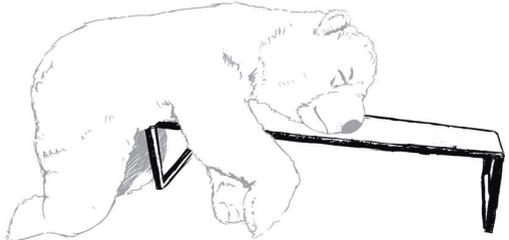
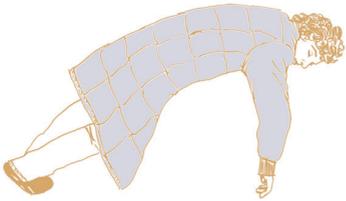
Lembrar de guardar, por um instante, o calor que se dissipa em todos os corpos.

Lembrar do vento que enrosca as pernas em redemoinhos de chão.

Lembrar de levar o ouvido ao solo para antecipar sua presença.

Lembrar de erodir-se em noites de tempestade.

Lembrar de ver o mundo pelo reflexo de uma chaleira em ebulição.



tempo extenso de absorção:

a imagem oscila o
o l h a r .

o olhar embaça a
i m a g e m .

posso imaginar a queda, anteceder-lá,

e sua possibilidade é uma experiência

i n d i z í v e l .

Encontrei suas anotações pela primeira vez em um lugar que não consigo tocar; somente uma luz incomodava meus olhos e seus desenhos estavam pulsando dentro daquele retângulo. Precisos, quase cirúrgicos desenhos. Suas palavras me faziam imaginar muitas coisas, cabiam dentro delas praticamente um universo. Fui desvendando as palavras e encontrando-me com os desenhos como uma criança que procura inventar coisas, descobrindo o que de dentro delas estava em mim. Apagamento, vertigem, perder-se.

Um pedaço que sangra a página branca, um rosto que esconde o olhar, alguém que nos habita, mas não nos convida para sair, que se apresenta como linha para completar seu contorno, que se apaga em pedaços, que se apresenta por partes delicadamente e simplesmente some como uma experiência de química onde as coisas se transformam.

Encontrei em suas próprias palavras "... é preciso aguçar os sentidos e buscar o que existe de mais tátil no mundo...". É preciso sentir, experimentar, viver suas imagens, entrar em suas precisas linhas, percorrê-las. Ler suas palavras sem preocupação ou hesitação de ver algum sentido. Somente fechar os olhos e jogar-se em suas imagens.

Então, adormeci com a agradável lembrança de sentir cócegas até na sola do sapato quando meus irmãos brincavam comigo quando pequeno. Sou grato, sinceramente, por estas imagens, por poder suspender-me nas linhas de suas palavras e de seus desenhos. Permaneci assim por algum tempo tentando me encontrar onde havia me esquecido. Simples, delicada e precisa como um urso que adormece em um banco.

João Franz
Caminho à consciência

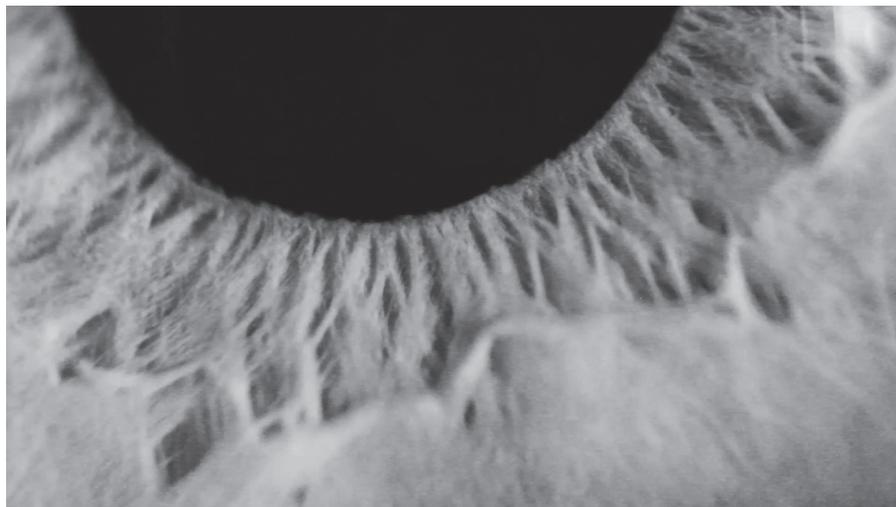


Ser
por Natasha Kulczynski







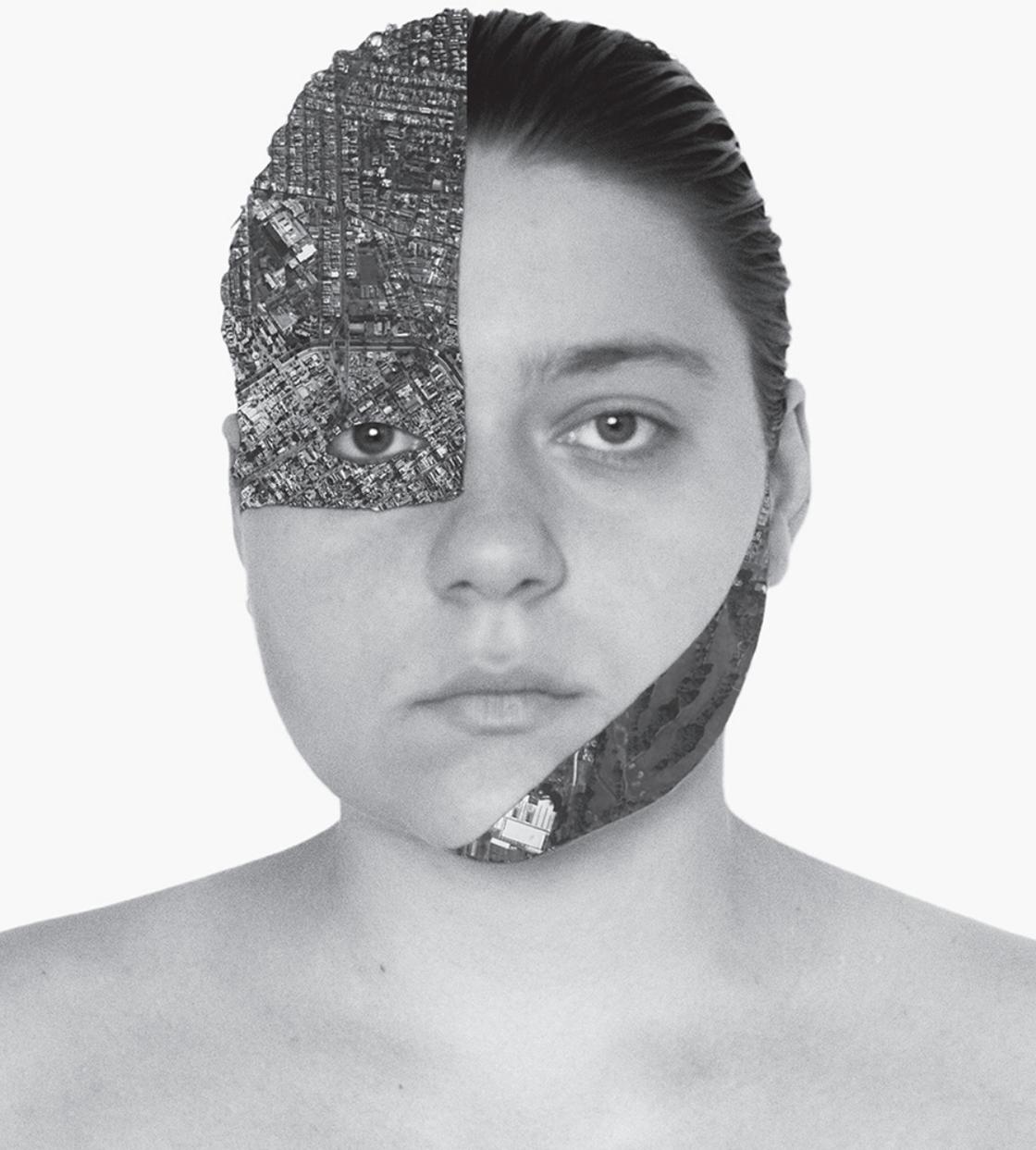


Aproximação, olhamos o vazio, o vazio nos olha
Espiar e não ver nada, mas o nada é alguma coisa que conseguimos ver, um
fragmento
Aproximação: eu sei o que é aquilo! Eu sei o que é aquilo?
O que a aproximação quer revelar? O íntimo, ou o que temos em comum?
Ou o íntimo é comum?
Um jogo de olhar e ser olhado, a materialização de um corpo através de si
mesmo. Ver o olho: olhar, depois sentir
Microimagem do universo
Macroimagem do ser
Quem é o ser no meio deste universo?

Natasha Kulczynski
Criador e criatura

Camadas humanas sobre camadas urbanas
por Fabiano Gummo









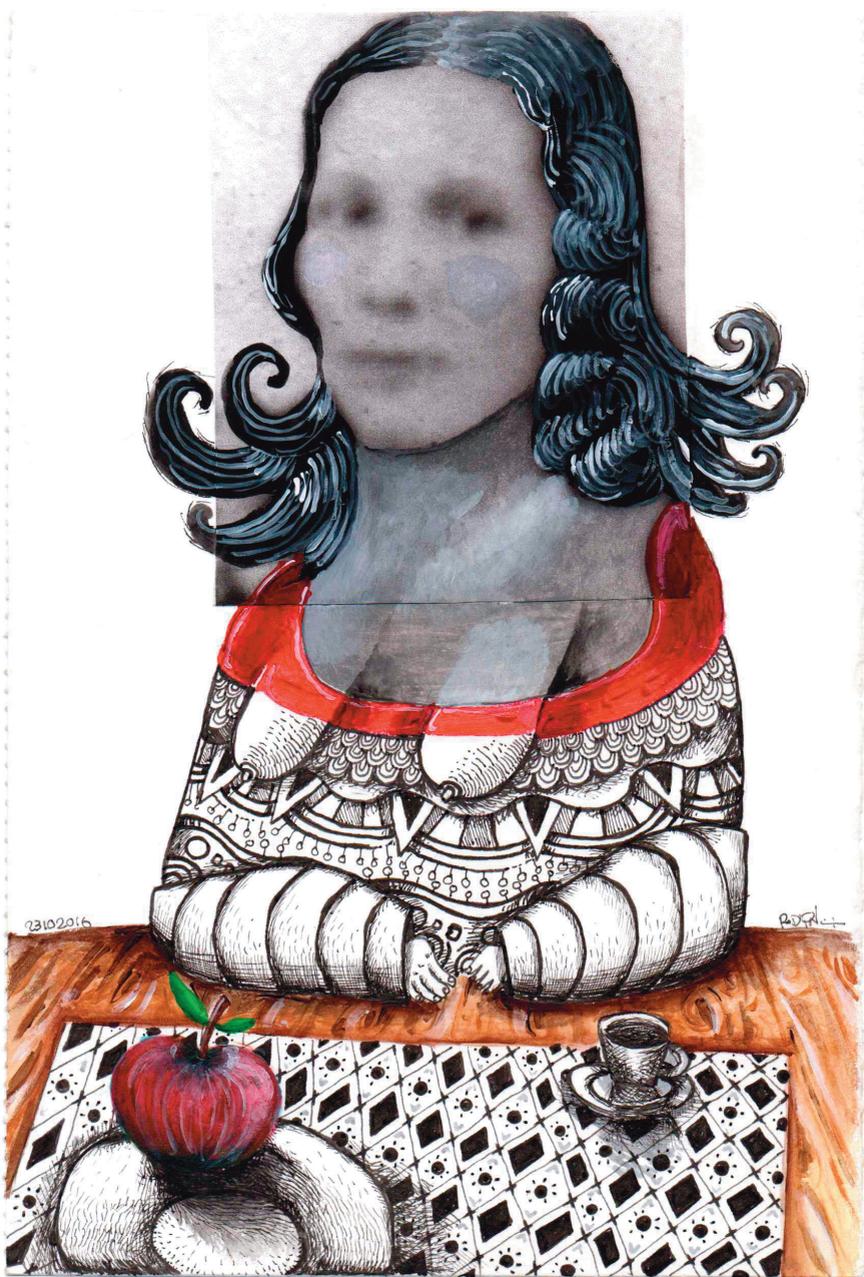
O Mapa é uma das personas criadas por Natasha Ulbrich no projeto Criador e Criatura. São quatro imagens/instantes nos quais a pele da artista vai sendo contaminada pelo construir agudo e fragmentado de um devir cidade. Somos convidados a escutar as minúsculas tesselas epiteliais abrindo caminho para uma acentuada tapeçaria demográfica.

Tal procedimento narrativo possibilita uma segunda epiderme, manifestada em sua própria autoficcionalização. Segundo Michel de Certeau, em A invenção do Cotidiano, “a cidade é um palco de uma guerra de relatos”, nela tudo é denso e todas as visões são efêmeras.

Por meio da expansão de sua geografia, o avanço temporal desta urbe civilizadora e degradada insiste em viralizar o corpo da artista. O processo crítico se repete levando a um soterramento híbrido focado na predação ambiental, na escalada da violência e nas acumulações interiores.

Rodrigo Nuñez
Pequenos fantasmas

Infância imaginada
por Alice Porto



então, uma
branca de
usutava
de uma fo
da. Era um
de uma
na, ou b
menino
importa
me olha
de ombro

vaga lem.
um passado
o silêncio
esqueci
olhar
memi-
ria
um
? Foi
sei que ele
pedindo para sei



211026

16

BDAL





Rodrigo nos oferece seus *Pequenos fantasmas*, imagens híbridas onde o desenho colorido convoca cada foto a vaziar de seu recorte quadrangular para a superfície de papel, se contaminar pelo desenho, esse fazer não por acaso muito frequentado pelas crianças.

Entre barcos de papel e estampas coloridas, recupera a atmosfera lúdica (um resíduo da infância?) dessas figuras misteriosas e enevoadas, rouba a aparente sisudez. Quem são eles? Por que assombam?

A fantasmagoria da lembrança, a persistência da memória e tudo o que sobrepomos à realidade crua – seja em documentos, rotinas, fotos, vazios – adensam e singularizam experiências. Como falar sobre ver uma fotografia? O que encontro ali é sempre mais do que o olho toca.

Seria um álbum de família? Que diferença faria?

Documento, palavra, cor. Para que os personagens adentrem o universo cartunesco de Rodrigo, necessitam, antes, perder seu rigor. Sombreados se aplainam ou são transmutados em hachuras. Deixam pra trás sua carne.

O convite para imaginar uma lembrança também é, aqui, o de cruzar a margem do desenho. O eco de outro mundo passa pela conversa entre a (des) memória e a fantasia das possibilidades planas.

Tula Anagnostopoulos
Cuartos



Cuartos
por João Franz









Cuartos é um trabalho de investigação da intimidade, da privacidade. Realizado em uma faculdade de cinema no único país socialista da América, o vídeo apresenta as diferenças na vida íntima de cada um dos alunos que ali estudam. Através de uma câmera instalada nas dependências da escola, na qual o cinema é o objeto de estudo, a vida particular de cada um é exposta, por alguns segundos, minutos. A importância aqui é a de que naquele curto espaço de tempo, tenhamos a capacidade de adentrar a vida particular, a casa de cada um ali presente e se deparar com o que ali realizam, o que ali produzem.

A particularidade e a transformação pessoal de cada ambiente chama atenção, mas o que a artista está a realizar quando nos apresenta constantemente o plano e o contra-plano de cada um dos quartos é apontar-nos a uma direção, a uma ideia de dupla perspectiva. O simbolismo de dois pontos de vista diferentes, duas concepções, interpretações, compreensões do que ocorre na vida particular de cada um, no quarto de cada um, na cidade de cada um, no país de cada um e se realiza enquanto questionamento ao espectador. Será que existe alguma verdade pré-estabelecida? O trabalho fica à livre interpretação, no entanto, a artista sugere, mesmo que de forma sucinta, que se olhe por mais de um ângulo. Ela nos encaminha a diferentes perspectivas.

Alice Porto - Artista visual e pesquisadora. Doutoranda em Poéticas Visuais na UFRGS, formada em Gravura pelo Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas. Nascida em Pelotas, atualmente reside em Porto Alegre.
<http://www.flickr.com/aliceportos>

Carla Borba - Artista visual, doutoranda em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS e bolsista da CAPES; Mestre em Poéticas Visuais (2012) e bacharel em Artes Plásticas (2003) na mesma instituição. Sua produção envolve relações entre performance, imagem, colaboração e questões de gênero. Participa de encontros de performances tais como, “Boteco da Diversidade – Sesc Pompéia/SP (2017)”, “Projeto DelGeneradas, SESC Santana, São Paulo/SP, (2015)”. Em 2002 recebeu a bolsa Iberê Camargo. Possui obras no acervo da Fundação Vera Chaves Barcellos, MAC-RS e MARGS-RS. www.carlaborba.com.br

Fabiano Gummo - Licenciado em Artes Visuais pela UFRGS, é mestrando em Poéticas Visuais na UFRGS. Trabalha com narrativa visual, desenho, vídeo, animação, objeto, pintura e com intervenções sonoras, e assinala o desejo de explorar a multiplicidade excessiva e flutuante de signos e significados das imagens ordinárias. Ele mistura narrativas da cultura erudita, da cultura pop e da subcultura. www.fgummo.blogspot.com

Glaucis de Moraes - Doutoranda em Poéticas Visuais na UFRGS, é mestre em Artes Visuais e graduada em artes pela mesma instituição. Mestre em *Recherche en Arts Plastiques, mention Art Contemporain et Nouveaux Médias* na Paris 8 - Vincennes - Saint-Denis. Professora na Universidade Feevale (2007/11) e na Universidade Estadual de Santa Catarina (2004/2006). Participa de exposições de artes visuais e mostras de vídeo desde 1994. Tem experiência na área de artes visuais com ênfase em artes digitais, fotografia, gravura, performance e video arte. <http://www.glaucisdemoraes.com>

João Franz - Bacharelado em Design Visual com Ênfase em Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (2012). MBA em Marketing Digital e sócio da produtora Black Dog Studio. Portfólio no mercado de banco de imagens em empresas como a Shutterstock, Getty Images e Istockphoto e atualmente é mestrando em Artes Visuais na UFRGS.

Natasha Kulczynski - Formada em Design pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS (2011), com especialização em Design de Moda pela mesma universidade (2013); formada em artes visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (2015), e mestranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da mesma universidade (2016/2).

Rodrigo Núñez - Artista Visual. Docente do Instituto de Artes UFRGS, onde cursou Bacharelado e Mestrado e atualmente realiza Doutorado em Poéticas Visuais. Participa de diversas exposições desde 1992. Em 2007 participou do Projeto *Essa Poa é Boa*, liderando o grupo *Bando de Barro*.

Tula Anagnostopoulos - Doutoranda em Poéticas Visuais na UFRGS, é Graduada em Artes Plásticas e Mestre em Poéticas Visuais pela mesma instituição. Também possui graduação em Cinema, com ênfase em Edição, pela Escuela Internacional de Cine y TV de San Antonio de los Baños, em Cuba. Como artista, tem voltado sua produção mais recente para o audiovisual, tendo participado de uma série de exposições.

Maristela Salvatori - Artista Visual. Docente do Instituto de Artes UFRGS, onde foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Doutora em Artes e Ciências das Artes por Paris I, Estágio Sênior/CAPES, na Université Laval, Canadá. Artista Residente na Cité Internationale des Arts, Paris, e no Centro Frans Masereel, Kasterlee. Líder do grupo de pesquisa Expressões do Múltiplo - CNPq/UFRGS. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. maristela-salvatori.blogspot.com

Editora Marca Visual

Conselho Editorial

Airton Cattani – Presidente
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Adriane Borda Almeida da Silva
UFPEl – Universidade Federal de Pelotas

Celso Carnos Scaletsky
UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Denise Barcellos Pinheiro Machado
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Marco Antônio Rotta Teixeira
UEM – Universidade Estadual de Maringá

Maria de Lourdes Zuquim
USP – Universidade de São Paulo

Glaucis de Morais
Projeto gráfico e arte

Editora Caseira
Impressão e acabamento

Tiragem de 100 exemplares | Capa Kraft 180g | Miolo Pólen Bold 90g

Q1 Quase um quadrado / Alice Porto ... [et al.] ; organizado por Maristela Salvatori.
Porto Alegre: Marca Visual, 2017.
56 p. : il. ; 14,8x17cm

ISBN: 978-85-61965-46-4

1. Artes. 2. Artes Visuais. 3. Poesia visual. 4. Livro de artista. 4. Artes visuais - Práticas poéticas - Múltiplo. I. Porto, Alice. II. Borba, Carla. III. Gummo, Fabiano. IV. Morais, Glaucis de. V. Franz, João. VI. Kulczynski, Natasha. VII. Núñez, Rodrigo. VIII. Anagnostopoulos, Tula. IX. Salvatori, Maristela.

CDU: 7.039

ISBN 978-85-61965-46-4

